

Discurso de posse na Academia de Medicina de São Paulo

Ivan de Melo Araújo

Senhoras e Senhores, amigos!

De início, cumpre-me agradecer vivamente aos distintos e generosos acadêmicos pela gentil acolhida que me proporcionam e pela escolha de minha pessoa para a cadeira 59 da egrégia Academia de Medicina de São Paulo, esta que em mim se assenta como luz inspiradora a seguir pelos anos inda restantes de vida e exercício da profissão, permitindo-me fruir de tão elevada convivência. Procurarei de todas as formas corresponder à confiança que em mim deposita essa tão expressiva plêiade de professores, cumprindo, na integralidade, as diretrizes norteadoras desse sodalício.

Agradeço com a alma saudosa e emocionada ao acadêmico e amigo Donaldto Cerci da Cunha, a quem sempre quis como irmão, pela amizade e convergência de propósitos que nos uniram por tantas décadas; ele que tanto fez para que o dia de hoje acontecesse e que há pouco e tão inesperadamente nos deixou, totalmente fora do combinado. Sua ausência muito me custa suportar. Presto a ele minha sincera homenagem:



foto: Osmar Bustos

Ivan de Melo Araújo, recém-empossado, envergando a pelerine da Academia.

ao colega, amigo excepcional para todas as horas, excelente profissional a quem confiei meus familiares e ao homem exemplar, destemido e fiel aos ideais e princípios da melhor Medicina.

No dizer de Mário Quintana, "amigo é fruto de uma escolha, descoberta da alma irmã, consciência clara e permanente de algo sublime que não está na natureza das coisas perecíveis, um tesouro sem preço, um gostar sem distância de alguém presente em nosso caminho, nas horas de dúvida, de alegria, importante demais para ser perdido, perene demais para ser esquecido".

Estendo esses votos de agradecimento aos meus queridos amigos aqui presentes.

Cumprimento com especial carinho aos Acadêmicos e amigos e Guido Arturo Palomba pelo estímulo à minha candidatura, pelo que nos tem brindado com sua sabedoria e luz e por me conduzirem a esta cerimônia.

Privilegiado sou ao ingressar nessa centenária Academia, ciente de que isso implica assumir grandes responsabilidades perante Deus, a Profissão e os Homens. Admiro a Academia de Medicina de São Paulo por sua transversalidade inabalada pelo tempo, qual chama permanente a guiar os caminhos e clarear a tão conturbada realidade que se nos apresenta quanto aos rumos de nosso País e nossa profissão. Sinto-me revigorado e feliz por poder humildemente contribuir com essa força, que tem seu lastro na sua história e no exemplo que sempre trará aos colegas e à arte médica.

É essencial destacar, dentre outros, o estímulo, valiosa amizade e apoio constante dos acadêmicos Guido Arturo Palomba, José Luiz Gomes do Amaral, Clóvis Francisco Constantino, Akira Ishida, Florisval Meinão, Jorge Carlos Machado Curi e João Sampaio de Almeida Prado, amigos de muitos anos e muitas lutas na Associação Paulista de Medicina, na qual figuram como incansáveis defensores da boa Medicina e da categoria médica. Com eles continuo a aprender muito, deles aprecio a boa prosa e o afeto, que eleva mais e mais o espírito nesse momento tão eloquente para minha existência.



Faz-se mister ainda destacar, dentre os Acadêmicos, meus estimados mentores da disciplina de Nefrologia na Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo. Seus nomes ecoam perenemente em minha carreira pelo exemplo, nobreza de caráter, desprendimento, respeito ao paciente e ao rigor da ciência. São eles Sylvio Soares de Almeida, Emil Sabagga, Helga Mazarollo Cruz, Jenner Cruz e Marcello Marcondes Machado, que, de diferentes formas e em diferentes momentos, guiaram-me para a carreira acadêmica desde os idos de 1970.

Destaco sobremaneira e homenagem com especial carinho a memória do Acadêmico e amigo José de Barros Magaldi (dele me lembro com saudade, com seu pletismógrafo artesanal para aferir a pressão arterial de ratos). Ele não poupou esforços como nosso mentor durante os anos de Residência e Mestrado em Fisiologia, sob a batuta do inesquecível Antonino dos Santos Rocha e a parceria dos meus caros Antônio Carlos Seguro e Antônio Luiz Junqueira, quando acotovelamos mesas e cadeiras em três salas acanhadas da Faculdade de Medicina, para acomodar o embrião do que posteriormente se tornou o

Laboratório de Investigação Médica da Faculdade de Medicina da USP.

Imprescindível agradecer aos eternos e sinceros amigos. Indispensável agradecer aos companheiros do Instituto do Rim de Marília. São eles José Cícero Guilhen, Maurício Braz Zanolli, Roberto Guzzardi, Vitor Alasmar, Luiz Carlos Pavanetti e José Fernando Stocco Guilhen, com os quais milito diariamente por mais de 40 anos. Eles são parte de mim, estarão sempre em meu coração.

Cabe-me ainda lembrar de meu período de graduação e dos brilhantes Acadêmicos de hoje, com os quais convivi naqueles tempos tão benquistos à memória: Vitor Strassmann, Valentim Gentil, José Píndaro Pereira Plese (Peponi), Rui Telles Pereira, João Sampaio de Almeida Prado (Fisher) e Roberto Costa, agradecendo por sua convivência, parceria, apoio e amizade que já contam tantas décadas.

Honra-me sobremaneira concelebrar o ingresso nesta Academia com o admirável Roque Monteleone Júnior, com o qual travei próspera e amável amizade.

Tenho a elevada honra e orgulho de suceder a dois extraordinários "Antônios", acadêmicos nessa cadeira: Antônio de Paula Santos, patrono, e Celso Antônio de Carvalho, meu antecessor.

Antônio de Paula Santos nasceu exatamente após setenta anos da proclamação de nossa Independência, em 1892, em Silveiras, Estado de São Paulo. Gradou-se em Medicina pela Nacional do Rio de Janeiro em 1915, tendo, a seguir, participado da fundação da Faculdade de Medicina de São Paulo, lecionando Fisiologia e Patologia. Desde 1928 ocupou a cátedra de Otorrinolaringologia, fazendo do serviço que comandou uma referência aos paulistas na especialidade.

Sempre o caracterizaram a simplicidade e a excelência como didata. Os que o conheceram, como meu queridíssimo professor e ilustre acadêmico Carlos da Silva Lacaz, descreveram-no como pontual, diligente, envolvido na vida universitária, equilibrado e contido.

Lacaz o descreve como "um paulista típico de outrora", puro de sentimentos, conhecedor da vida e imune às vai-



Guido Palomba e Ivan Araújo.

dades, além de objetivo, sensível às amizades, tolerante com as pessoas e econômico nas palavras. Deixou-nos em 1966, honrando essa Academia como Patrono da cadeira 59.

Sucedeu-o meu professor de Oftalmologia, o extraordinário Celso Antônio de Carvalho, que me faz sobremaneira honrado ao procedê-lo. Agradeço e destaco o recurso, para obter seus dados biográficos, ao trabalho do emérito acadêmico Hélio Begliomini, titular da cadeira 21 dessa Academia. Celso Antônio, nascido em São Paulo em novembro de 1928, graduou-se pela Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo em 1953. Após o período de residência no Hospital das Clínicas, foi bolsista em Oftalmologia pela Kellogg Foundation, na América do Norte, tendo desenvolvido suas atividades em Harvard, no Johns Hopkins e em Stanford. Doutorou-se em 1960, seguindo na clínica Oftalmológica da FMUSP na direção do Departamento de Neuro-oftalmologia. Galgou com distinção a Livre-Docência em 1964. Estabeleceu em 1966 o Depar-

tamento de Glaucoma do HC de São Paulo, no qual prosseguiu até a aposentadoria, no limiar do século XXI. Sempre calcou sua prática acadêmica na melhor formação de especialistas, os quais sempre o louvaram pela excelência nas atividades que implantou nos cursos de pós-graduação. Sucedeu Paula Santos em 1966 e deixou-nos em 2015, aos 86 anos, honrando, por sua nobreza e dedicação, a cadeira 59 de nossa Academia.

Minhas senhoras e meus senhores, no dizer de Saint Exupéry, "eis aqui o meu segredo, que não pode ser mais simples: apenas com o coração é possível ver bem; com a razão, o essencial é invisível aos olhos".

Traz-me aqui este coração preche de emoções (e saudades imersas no tempo), que persiste por brasileiro, pai de família, médico, docente, e por sentir em tudo a verru-ma da curiosidade a estimular e a aprender pelo diálogo e o viver das nossas gentes.

Sempre haverá que mencionar nossos valores e o amparo à sua construção que veio de Deus, da Pátria, dos Pais, do Mestre, do Aluno, do Paciente, do Amigo do peito da infância, adolescência, da Faculdade, do Amigo conquistado durante a vida de trabalho e de minha querida Família.

De Deus, pela fé da qual um dia me distanciei e à qual regressei, porquanto iluminado pelos momentos mais duros e difíceis, que nos reconduzem ao caminho da Verdade.

Do Brasil, "esse Brasil lindo e trigueiro", dos meus compatriotas, a quem devo a formação, desde o primeiro banco escolar, plena de ética e cultura, essa formação que hoje lamento quase não mais disponível como outrora, perdida que foi nos descaminhos que o País tomou e que muito nos custará recuperar.

Dos meus Pais, já em outra dimensão, por óbvio, pelo amor, estímulo, honestidade, amparo e disciplina, pelas lições de vida e dos valores da família que nunca me deixaram e que procuro prosseguir.

Do Mestre, por me permitir tentar copiar o brilho, a honra, o respeito, a boa e honesta prática, a afabilidade e por ter me oferecido a justa repreensão quando se fez necessária.

Do Aluno, por me conceder a lição da Medicina, da evolução da ciência, porquanto me ensinou incomensuravelmente mais do que lecionei! Devo-lhe também a lição do

respeito à diversidade, do trato ao outro com seriedade e do risco da ironia.

Do Paciente, por ter me concedido a lição da consideração à dor e do caminho que a cada dia desvendo ao tentar pensar-lhe as aflições. Aprendi dele a paciência, pois mais paciente tive que ser. Ainda hoje aprendo com ele a noção do real cuidado, do interesse e da dedicação.

Do verdadeiro Amigo aprendi a lição do desapego às coisas materiais e da elevação de nossa existência quando há pureza de sentimentos.

De minha Família aprendi, pela terna complacência de minha mulher Rita de Cássia e de minhas filhas Cléo e Renée, o caminho verdadeiro do amor e da atitude exemplar. Citando novamente Quintana, "a vida fica muito mais fácil se a gente sabe onde estão os beijos de que precisamos". Elas me permitem sorver com extrema felicidade o doce cálice diário da alegria ao viver-lhes a existência, juntamente com meus dois filhos adquiridos – meus genros Guto e André – e de minhas três netas, Ana, Bruna e Sabrina, que preenchem de eternidade o ocaso de minha vida.

A todos ofereço a maior gratidão possível ao meu ser, por ter caminhado podendo contar com sua benção, amparo, conselhos, amizade, carinho, mormente tolerância e compreensão. "Aqueles que passam por nós, não vão sós, não nos deixam sós. Deixam um pouco de si, levam um pouco de nós".

Todos esses me mudaram os fundamentos!

À Academia de Medicina há que sempre agradecer a honorável concessão de poder compor suas fileiras. Manifesto minha disposição de manter erguidas nossas barricadas em prol de um País mais justo, honesto, seguro e fraternal, em que possamos exercer a nossa vida médica investidos da nobreza que flui desta maravilhosa prática, se e quando exercida com dedicação e amor ao semelhante.

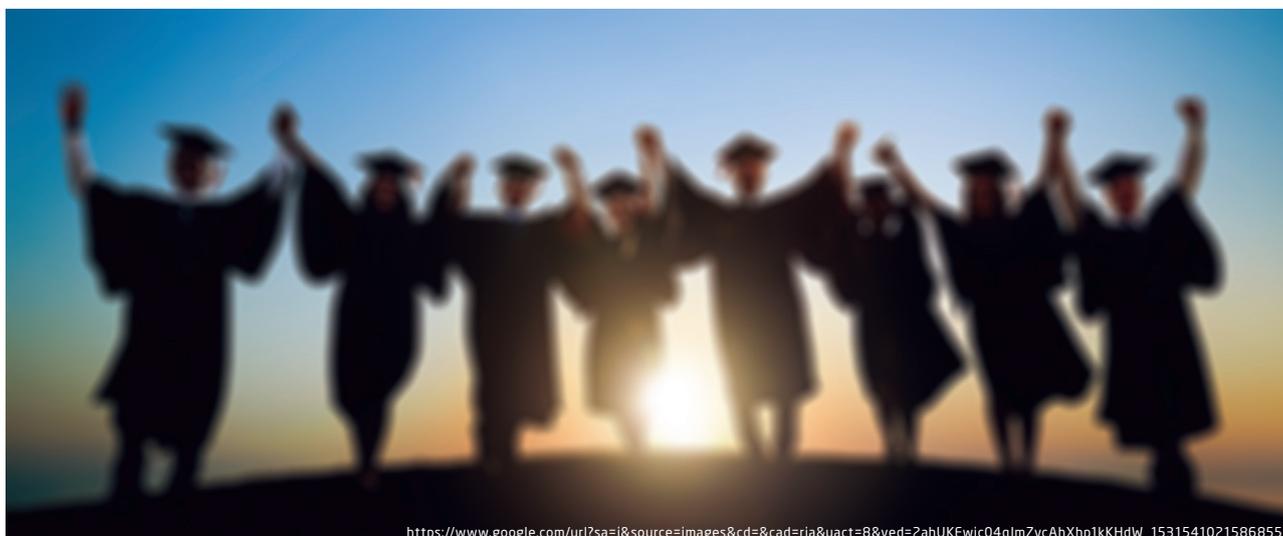
Obrigado a todos!

Ivan de Melo Araújo

Membro da Academia de Medicina de São Paulo e Diretor Cultural da Associação Paulista de Medicina.

Representatividade estudantil nas escolas médicas brasileiras

Beatriz Damasceno



https://www.google.com/url?sa=i&source=images&cd=&cad=rja&uact=8&ved=2ahUKÉwic04qJmZvcAhXhp1kKHdW_1531541021586855

No Brasil, os centros acadêmicos ou diretórios acadêmicos são entidades estudantis responsáveis pela representatividade do corpo discente. Regulamentados em 31 de outubro de 1986, pela Lei n. 7.395, os CAs ou DAs funcionam como ponte entre os acadêmicos e a universidade, além de serem considerados lugares de manifestações políticas, ações sociais e até mesmo de entretenimento. Ao longo dos anos, representaram os acadêmicos em suas insatisfações e indignações dentro de suas carreiras, proporcionando e permitindo que muitas conquistas fossem alcançadas.

Na história, inúmeras foram as lutas defendidas por estudantes, bem como durante a ditadura militar, quando foram perseguidos por pensarem e defenderem ideais diferentes. Contudo, nas últimas décadas, a realidade apresenta-se bem diferente. Os diretórios acadêmicos não conseguem mais atrair o interesse e a atuação dos acadêmicos.

Os diretórios acadêmicos têm deixado de ser empoderados pelos estudantes como representantes dos seus inte-

resses e pouco a pouco vão perdendo espaço e atuação. Tal situação é lastimável, visto o papel indispensável dos CAs e DAs ao permitir que os futuros médicos possam exercitar suas opiniões e discutir sobre o futuro árduo que nos aguarda em um país onde a saúde pública é extremamente sucateada e que necessita de pessoas engajadas na luta por melhorias.

A perda dessa luta e representatividade gera repercussões preocupantes e imprevisíveis, incluindo uma nova geração de médicos que não se mobiliza e não busca novas alternativas. Com isso, resta a pergunta: "onde a classe médica e a saúde brasileira vão parar?".

Beatriz Damasceno

Diretora do Departamento de Imprensa e Propaganda do Diretório Acadêmico Arnaldo Vieira de Carvalho.

Um instante em meu momento musical

Luis Gastão Costa Carvalho Serro-Azul

“Felicidade para que vieste e após partiste não mais voltaste”

(Barrozo Neto e Nosor Sanches, 1933).

Cerca de dez anos se passaram sem que eu me dedicasse a ouvir, com a devida concentração, as minhas tão amadas vitrola e discoteca – do vinil ao CD.

Na verdade, não conseguia me compenetrar. Era mais fácil assistir ao *Jornal Nacional* ou mexer no computador, principalmente à procura de filmes fora de época... A internet, grande enciclopédia do século, até auxiliou no interesse sobre o aclamado cinema da década de 40, em especial, do Cinema Livre, sendo exemplo o filme *Uma Loira Com Açúcar*, que, amenamente sonorizado por gostosa valsinha, revive os simpáticos costumes do namoro antiquado.

Mas sempre adiava o que seria meu momento musical. Música espírito, linguagem da alma (Hegel), que dissemina em sons o prazer interior e a dor do coração – age sobre o nosso organismo conforme o grau de estímulo (prejudicial se superior a 90 decibéis). E, sobretudo, atinge a mente, as emoções e o próprio subconsciente.

Assim, seria imperioso reagir e voltar às audições, embora íntimas porque solitárias... Buscava auxílio na imagem do Professor Décourt, concentrado, imoto, como a estátua do Pensador (Rodin, 1904), quando ouvia os discos preferidos. Todavia, tal momento não acontecia...

Então, como começar? – Pelo começo (Jardiel Poncella), no caso, pela valsa, lógico. Optei pela coleção *Wiener Musik* (1971) com a Sinfônica de Berlim ou a de Viena, direção do grande Robert Stolz, compositor e maestro austríaco (Graz, 1880 – Berlim, 1975), talvez adequada. Enfim,

como ensinava o estimado finado Seo Américo: “se pela regra não dá certo vamos contra a regra”, por conseguinte, escolhi os últimos volumes: X, XI e XII.

O trabalho de Robert Stolz, incluindo peça e operetas de sua autoria, constituiu apogeu da orquestração de valsas – riquíssimo dote de sangue vienense ao ritmo da música dançante, não sobrepujado nem pelas grandes filarmônicas sob a batuta dos mais famosos regentes. Modernamente, André Rieu, fenômeno de Maastricht, com a Johann Strauss Orchestra, ressuscitou a valsa para o mundo; ressalve-se que não é o caso dos vienenses, mesmo os mais jovens, pois tradicionalmente continuam a executá-la pelas ruas da cidade!

O que adianta ter amigo culto? Modesto Pinotti, saudoso e bom colega de trabalho, cultuava a música clássica e escolhia as manhãs de domingo para apreciá-la. Agora, tanto tempo depois, lembrei-me desse seu predicado, pois as manhãs são apropriadas para curtir maravilhas da vida, quando sabiás saltitam pelos arbustos, violetas, rosas e as queridas florezinhas exalam perfumes, enquanto pingos de orvalho nelas refratam raios do sol e podem evocar o tema do *allegretto* da *Sinfonia Pastoral*. Tudo favorável, portanto, para bons pensamentos, boas ideias e boa música, enquanto a saudade descansar num cantinho do coração...

Continuei tentando aproveitar as belas gravações, expectando o melhor. Dia 10, cedo, rodava um CD, último volume da coleção referida, quando, durante a reprodução



https://i.ytimg.com/vi/t7C1ktawK_c/maxresdefault.jpg

de *A Vida dos Vienenses no Prater* (parque de diversões mais antigo do mundo), de Sigfried Translateur (1875-1944), antiga valsinha de mediana importância, os seus acordes, num instante, fazendo o papel de fada, numa radiante nebulosa, invadiram-me os sentidos!

Assim, essa encantada dimensão sonora protagonizava o sublime, resgatando cenas e emoções sensoriais pretéritas – retrógrados momentos musicais:

Cine Capitólio, rua São Joaquim, matinê de domingo (1938), projetando o filme *100 Homens e Uma Menina*, valorizado pela voz juvenil de Deana Durbim, em *Libiamo Ne'lieti Calici (brindisi)*, Traviata de Verdi.

Casa de Walter Maffei (1953), encantamento à primeira audição do andante do *Concerto de Piano 21*, de Mozart;

Velha casa da rua Vergueiro (1939), sentado na escada, deslumbramento ao som do *Prelúdio e Morte de Amor*, da ópera *Tristão e Isolda*, de Wagner.

Casa da rua Abílio Soares (1952), testando na vitrola, adquirida em prestações na loja Assunção, o *long-playing*

do *Concerto para Piano nº 5 "Imperador"*, de Beethoven, bela novidade indicada por Israel Nussensweig, colega de classe.

Assistindo, pleno de orgulho paternal, à transmissão radiofônica do campeonato juvenil de acordeom (1963), no qual Maria Cecilia conquistou o primeiro lugar pela execução de *Ondas do Danúbio* (Ivanovici).

Ah instante, pena que seja tão fugaz! Felicidade...

Um sonho vencido, uma ilusão falida

Despreze a perda, enfrente a lida,

Volte a sonhar – assim vale a vida!

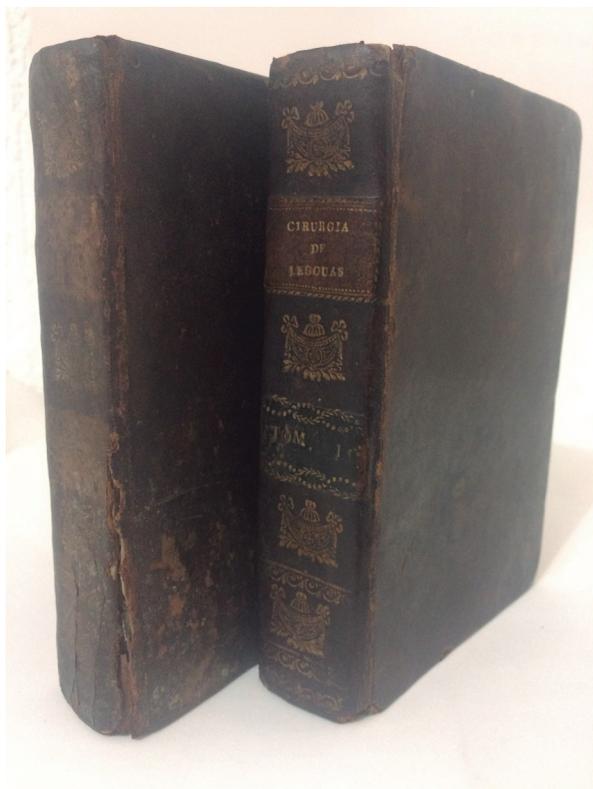
Luis Gastão Costa Carvalho Serro-Azul
Médico e escritor.



coluna do livro

Novos princípios de cirurgia

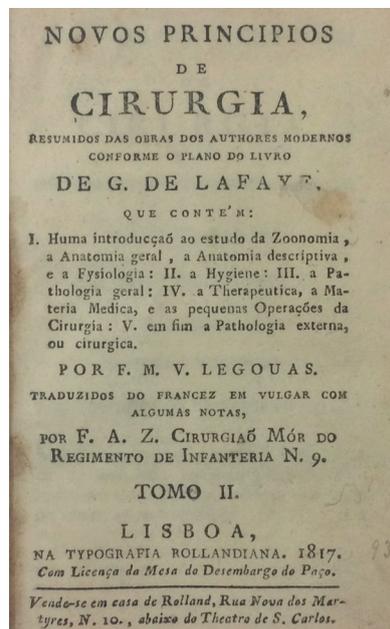
Livro de F. M. V. Legouas, traduzido do francês por F. A. Z., Cirurgião-Mor do Regimento de Infantaria n. 9, de Lisboa, veio à luz no início do século XIX, mais precisamente, editado em 1816 (1º volume) e 1817 (2º volume), pela Typografia Rollandiana. O tradutor o fez convencido de que faltava em português um tratado que pudesse ensinar a arte de operar aos que a ela fossem chegados.



A sua leitura, passados duzentos anos, é um grande mergulho na História da Medicina, pois abrange desde as descrições e tratamentos clínicos da época, quanto os cirúrgicos, suas técnicas e instrumentais.

Como dito, são dois volumes, com 440 e 496 páginas, encadernação original, capa em pleno pergaminho.

O volume 1 tem marcas de umidade; o volume 2, por sua vez, está em bom estado. Não se logrou saber a quem pertenceu, nem como foi ter na biblioteca da APM.



Guido Arturo Palomba

Diretor Cultural Adjunto da APM.

Observação: todos os livros comentados aqui pertencem à Biblioteca da APM. Aos que desejarem doar livros e, principalmente, teses para esta coluna, fazer contato com Isabel, Biblioteca.

DEPARTAMENTO CULTURAL

Diretor: Ivan de Melo Araújo

Diretor Adjunto: Guido Arturo Palomba

Conselho Cultural: Duílio Crispim Farina (*in memoriam*) e Alexandre Rodrigues de Souza

Cinemateca: Wimer Bottura Júnior

Pinacoteca: Guido Arturo Palomba

Museu de História da Medicina:

Jorge Michalany (curador, *in memoriam*)

O Suplemento Cultural somente publica matérias assinadas, as quais não são de responsabilidade da Associação Paulista de Medicina.